

A escrita de Felisberto Hernández (essa cadência casual)

Oswaldo C. Canosa^{1,2}

Diga-me a verdade: por que se suicidou a mulher da sua história?

Oh! deveria perguntar a ela.

E você poderia fazê-lo?

Seria tão impossível como fazer uma pergunta para a imagem de um sonho.

Ninguém acendia as lâmpadas - Felisberto Hernández³

Resumo: O texto explora a relação conflituosa e frutífera entre literatura e psicanálise. Em momentos de encontro, mas também nos desencontros entre escritores e psicanalistas. Para isso é tomado como eixo um relato de Felisberto Hernández, autor uruguaio que se abeberou nas águas do texto freudiano, no dizer de Juan José Saer, e que nos conta como ele supõe uma escuta aberta à descoberta do mistério do ser humano.

Palavras-chave: literatura; psicanálise; analista; inconsciente.

Essas ideias tentam tecer um alinhamento no que poderíamos chamar de “Retorno à Literatura”. Em seus primórdios, a psicanálise foi nutrida pela literatura para capturar os elementos fundamentais do acontecer psíquico e assim transformá-los em conceitos, mecanismos. Em suma, construir um modelo de funcionamento da mente ao modo da ciência vigente no final do século XIX.

Logo, os psicanalistas sentiram que poderiam fornecer novidades e novas compreensões ao fato artístico. Aos poucos, eles se tornaram tão entusiasmados com a ideia de analisar o trabalho e vida do autor, que muitos artistas ficaram zangados e fortificaram atrás de vários slogans tais como: “A arte começa quando a psicanálise

¹ Membro da APA- Asociación Psicoanalítica Argentina-Buenos Aires. Argentina.

² As traduções para o português das obras citadas são do autor do trabalho.

³ Hernández, F. (2010b).

silência”, “Eu quero te ver com um pincel e uma tela em branco” etc. Ou emblemas de tom bélico e incestuoso como “Não mexa com a minha mãe!” Os psicanalistas, num primeiro momento, sorriram triunfantes pois (segundo eles) essas explosões temperamentais negativas confirmou a assertividade de seus ditos. Embora eles também tivessem momentos de incontinência verbal e gritando coisas como: “Cala a boca, idiota!” etc

Não serviram as palavras de Freud lisonjeando aos poetas, confessando que as fontes bibliográficas consultadas por ele foram escritores da importância do Goethe, Shakespeare, Cervantes, Hoffman, Sófocles, etc e conhecedor, aliás, na vida e obra de grandes artistas como Da Vinci e Michelangelo, porque os leitores de Freud, especialmente os psicanalistas (incluindo o próprio Freud), foram os encarregados de elogiar o gênio de Freud deixando nas sombras a intuição e a curiosidade infinita desses criadores.

Na verdade, não foram poucas as “genialidades” dos artistas que deram oportunidade a Freud para conceitualizar seus descobrimentos. A grande maioria das citações literárias de Freud são usadas para confirmar as descobertas freudianas, além de usar as obras e vida dos artistas, como se fossem registros médicos, a propósito, uma verdadeira originalidade narrativa de Freud! (Forrester, 2001)

Segundo Bayard (2009), os agrados de Freud aos poetas foram elogios envenenados. De acordo com Freud, os poetas estão a um passo na frente no que diz ao conhecimento dos mistérios da vida anímica, eles se movem com facilidade e sem repressão pelos meandros do lado escuro da alma, mas é um tipo de sabedoria “não sabida”, aquela que possuem os artistas, e a psicanálise vem com pressa para explicá-lhes que é essa coisa misteriosa e inconsciente que tem descoberto. (Freud, 1907/1976b).

Será que a psicanálise virou um discurso hegemônico em que tudo tem uma explicação desde as suas premissas teóricas? Discordo desta premissa. Mas os desentendimentos frequentes entre escritores e psicanalistas sobre a origem do processo criativo me fazem duvidar.

Então, assim, dessa forma, não tive escolha senão voltar às fontes, porque as discussões tinham cada vez mais agressão e os menos pensamentos. Uma das fontes literárias que me deparei foi a particular e belíssima obra de Felisberto Hernández, escritor uruguaio (1902-1964). Entre suas obras mais importantes podemos citar “Nadie encendía las lámparas”, “Las Hortensias” e “Tierras de la Memoria”.

Felisberto, seguindo a premissa de Ranciére (2011) sobre as intenções paraliterárias que todo escritor postula a partir do que escreve, tem uma clara política literária: aquela de poder descobrir com palavras de poesia, os mistérios do espírito, mais precisamente como é que funciona o espírito. Saer, J. J.(1977) expõe com convicção

que a leitura de Freud por Felisberto Hernández foi examinada exaustivamente na crença da possibilidade da utilidade poética do pensamento freudiano.

Escolher a Felisberto não é acidental, já que na epígrafe deste artigo mostra a sua posição em relação à psicanálise, no qual ele questiona a estrada real de acesso para o inconsciente (conforme Freud) e reivindica em quase toda sua obra outros modos de acesso ao mistério do espírito, onde o inconsciente não seria o aspecto mais relevante.

Assim o explicita em um texto escrito de 1939, (*Diario de pocos días o Almacén de ideas o Juan Méndez*) onde propõe que entre a opção de escrever um tratado sobre psicologia e algo belo, não duvida e fica animado para escrever algo que tome conta de ambas opções.

[...] Eu comecei a meditar sobre o vento e tinha dois projetos: um, escrever o que pensava sobre a impressão do vento em um tratado de psicologia, e outro escrever sobre o vento em forma de conto [...] E, claro, aqui começaria a pensar o que me deixaria mais orgulhoso, se descobrir uma verdade ou fazer uma coisa bonita. Eu ficaria com as duas coisas [...]. (2010c, pp 146-147)

Ou seja, não há alternativa, só se pode vislumbrar algum entendimento sobre as manifestações do homem se podemos expressá-lo com rigor e beleza. O senso estético dá sentido ao humano, esse é o objetivo. Não tem que desvendar o mistério, mas mostrá-lo em sua beleza radical.

Para isso não tem uma, mas várias estratégias. Hoje os convido a pensar em uma que vamos sentir muito perto de nossa tarefa como psicanalistas: aquela na qual se instala como um homem que escuta, impulsionado por sua necessidade e seu sentir. O ouvinte não sabe mais do que isso: escutar. Mas Felisberto não só escuta os sons, fonemas, palavras, relatos; também escuta imagens, memórias e silêncios.

Isto o mostra claramente em seu texto “La casa inundada”. Esta história particular é baseada em um escritor pobre e que necessita de dinheiro que aceita um trabalho especial sugerido por um amigo. A tarefa é escutar a uma mulher que tem algo a dizer – presumivelmente a morte de seu marido –, mas ela não pode falar com qualquer um. Deve ser alguém que saiba escutar e aceitar as condições que ela vai impor.

A necessidade e já imposta ao escritor, antes de conhecer essa mulher, em sua intimidade aceita o trabalho e condições do mesmo. Nem certamente conhece os segredos de uma boa escuta que descobre na medida em que se relaciona com a mulher.

Eu sabia que tinha grande dificuldade em compreender aos outros [...] mas também sabia que teria preguiça de continuar desconfiando. Então entreguei ao modo do meu egoísmo. Quando eu estava com ela ficava esperado, com boa vontade e até mesmo com

uma preguiça carinhosa, que ela me dissesse o que quisesse e entrasse confortavelmente na minha compreensão. Ou então poderia acontecer que, enquanto eu morava perto dela com um descuido encantado, essa compreensão se formasse lentamente em mim, e me envolvesse completamente o seu ser, toda a sua pessoa. (2010a, p. 275)

Assim conta o escritor como descobre uma maneira de ouvir.

Não se preocupe em descobrir o que tem a dizer aquela mulher. Ele se importa de não interferir no processo de dizer da mulher, basicamente para manter seu trabalho. Para não perdê-lo se descobre dependente dela, se descobre envolvido em um amor equivocado.

Por isso, estava sentindo por ela uma amizade equivocada e agora se eu soltar a minha memória ela vai com a primeira senhora Margarita, porque a segunda, a verdadeira, a que conheci quando ela me contou sua história, no final da temporada teve um jeito estranho de ser inacessível. (2010a, p. 267)

Felisberto sabia, mesmo depois de todo o processo que durante a sua estada com ela acreditava conhecer alguém que realmente após do vínculo que os aproximou, tornou-se, tal como inicialmente: inacessível.

Para que esse diálogo tão especial que se estabelecia entre o escritor e sua empregadora fosse bem-sucedido, tinha que atender a certos requisitos: a demanda deveria ser dela e não do escritor; ela imporia condições de encontro e de possibilidade de diálogo, além disso ambos deviam vencer a dificuldade inicial da diferença.

[...] Eu só peço que reme meu bote e suporte algo que eu tenho que lhe dizer. Pela minha parte vou fazer uma contribuição mensal para as suas poupanças e tentarei ser útil. [...] Eu prometi para falar [...] mas hoje eu não posso [...] Eu tenho um mundo de coisas no que pensar [...] Quando falou “mundo”, eu, sem olhar para ela, imaginei as curvas de seu corpo. (2010a, p. 274)

Ela continuou:

Além demais não é a sua culpa, mas me incomoda que seja tão diferente.

Seus olhos se estreitaram e seu rosto desabrochou num sorriso inesperado, o lábio superior recolhido para os lados como algumas cortinas de teatro e se adiantou, bem alinhados, grandes dentes brilhantes. (2010a, p. 274)

Poderia até mesmo seduzi-la desde que isso não interrompa o processo.

No entanto, fico contente que você seja como é [...]. (2010a, p. 274)

Parece que primeiro, tinham que se aceitar antes de iniciar o processo de um diálogo muito particular no qual um traz as palavras e o outro aporta em geral presença e silêncio.

O trabalho do escritor foi mais interno, tentando captar as chaves para uma escuta efetiva.

E, de repente, não sei em que momento saiu de entre os ramos um rugido que me fez tremer. Demorei em compreender que era a rouquidão dela, e umas poucas palavras:

Não me faça nenhuma pergunta [...].

E ela acabou dizendo:

... Até eu ter-lhe dito tudo. (2010a, p. 278)

Finalmente aparecem as palavras prometidas:

- agora que eu não as esperava.

O silêncio nos apertava sob os galhos, mas não ousei levar o bote mais na frente. Eu tive tempo para pensar na senhora Margarita com palavras que ouvia, dentro de mim, como afogadas em um travesseiro. (2010a, p. 278)

Processo complexo de diálogo que propõe para nos, Felisberto; só pode haver diálogo se as palavras dela pode ressoar nele como se fossem próprias.

Depois que ela começou a falar, me pareceu que a sua voz também soava dentro de mim como se eu pronunciasse suas palavras. Talvez seja por isso, que agora eu confundo o que ela me disse com o que eu pensava. Também será difícil para mim, juntar todas as suas palavras e não terei mais escolha do que colocar aqui muitas das minhas. (2010a, p. 278)

Outra questão nos convoca Felisberto: falar de outro obriga-nos a falar com coisas que são nossas. Escrever não é necessariamente algo autobiográfico, mas nos convoca a pôr em jogo as nossas coisas para relatar alguma coisa.

Esse mesmo autor propõe em “La Casa Inundada” um modelo de escuta que não é objetivo, muito menos neutro e até dizer parcialmente abstinente. Nesse sentido, ele está submetido ao discurso do outro, se confunde nele para abrir a sua compreensão.

Felisberto mostra como um evento (uma morte) torna-se uma lembrança quando relatado e oferecido a sua compreensão para os outros.

A história de Felisberto termina assim:

PS. Se por acaso você pensasse em escrever tudo o que eu já lhe disse, pode contar com a minha permissão. Eu só peço colocar estas palavras no final: Esta é a história que Margarita dedica a José. Esteja ele, vivo ou morto. (2010a, p. 297)

Há algumas considerações a ter em conta nesta posição de escuta de Felisberto, a saber:

Ele tem certeza da ignorância em relação ao outro, pois a presença do “tão diferente” age como um pano de fundo para esta cena que nos diz o narrador; narrador que sabe menos do que os personagens embora é ele que “leva” o bote.

Portanto, todo o conhecimento sobre o outro e de si mesmo (o que também é um outro) é fragmentário, transitório e também de autoria duvidosa. No final do relato quem é o que sabe? Margarita e a suas lembranças ... O escritor pobre... O leitor ... Quem sabe ... Que importa!

A verdade é que muitos escritores têm ideias gerais, pontos de vista sobre a mente, o espírito, a alma humana e os expressam um modo particularmente bonito, não isento de precisão. Certamente eles poderiam fornecer novos olhares ao *corpus psicanalítico*, enquanto os psicanalistas se recusam a ouvir a sua própria voz e se abram a outras vozes que povoam este universo de relatos que tentam dar conta da condição humana.

O texto felisbertiano propõe uma leitura que mostra (revela) o mistério do espírito, mas não o explica. Aquele que relata, descreve com o cuidado de não chegar a uma conclusão. Esse eu que sabe que se vê fragmentado e também se descobre projetado em objetos do cotidiano e em outros humanos, sabendo que o seu corpo é um continente que não alcança para contê-lo, então, deve procurar abrigo em outros corpos, outros objetos.

Esta é uma leitura tendenciosa da história que propõe muitas outras ideias e escutas sobre o mistério do espírito. Eu não vou fazer menção delas neste artigo, mas sim, eu convido vocês a ler, quase como distraídos, e se deixar levar pela cadência do acaso, mas não menos rigorosa da escrita de Felisberto Hernández.

Felisberto Hernández's writing (that random cadence)

Summary: This text goes into the conflict and fruitful relationship between literature and psychoanalysis. In the agreement and disagreements between writers and psychoanalysts. For that it takes as axis a Felisberto Hernández's story, a uruguayan author who bathed in the waters of Freud, as J.J.Saer said. And he tells us how he assumes an open listening to the discovery of the human being mystery.

Keywords: literature; psychoanalysis; analyst; unconscious.

La escritura de Felisberto Hernández (esa cadencia azarosa)

Resumen: El texto explora la conflictiva y fructífera relación entre la literatura y el psicoanálisis. En los momentos de encuentro y también en los desencuentros entre escritores y psicoanalistas. Para ello toma como eje un relato de Felisberto Hernández, autor uruguayo que se ha bañado en las aguas de Freud, al decir de J.J. Saer y que nos cuenta como él supone una escucha abierta al descubrimiento del misterio del ser humano.

Palabras clave: literatura; psicoanálisis; analista; inconsciente.

Referências

- Bayard, P. (2009). *¿Se puede aplicar la literatura al psicoanálisis?* (pp 23-43). Buenos Aires: Paidós.
- Forrester, J. (2001). *Sigmund Freud. Partes de guerra. El psicoanálisis y sus pasiones*. (pp. 149-193) Barcelona: Editorial Gedisa.
- Freud, S. (1976a). El delirio y los sueños en 'La Gradiva' de W. Jensen. In S. Freud, *Obras Completas* (J. L. Etcheverry, Trad., Vol. 9, pp. 7-34). Buenos Aires: Editorial Amorrortu. (Trabalho publicado originalmente em 1907).
- Freud, S. (1976b). El creador literario y el fantaseo. In S. Freud, *Obras Completas* (J. L. Etcheverry, Trad., Vol. 9, pp. 127-135). Buenos Aires: Editorial Amorrortu. (Trabalho publicado originalmente em 1907).
- Hernández, F. (2010a). La casa inundada In F. Hernández, *Cuentos Selectos*. (pp. 265-297). Buenos Aires: Ediciones Corregidor. (Trabalho publicado originalmente em 1960).
- Hernández, F. (2010b). Nadie encendía las lámparas. In F. Hernández, *Cuentos Selectos* (pp. 79-86) Buenos Aires: Ediciones Corregidor. (Trabalho publicado originalmente em 1960).
- Hernández, F. (2010c). Diario de pocos días o Almacén de ideas o Juan Méndez. In F. Hernández, *Los libros sin tapa* (pp. 146-147). Buenos Aires. El Cuenco de Plata.
- Ranciére, J. (2011). *Política de la literatura*. (pp.7-56). Buenos Aires: Libros del Zorza.
- Rudaeff, M. (Rudy) (2014). *Sigmund Freud: vida y milagros*. (pp. 163-230). Buenos Aires: Galerna.
- Saer, J. J. (1977). Tierras de la memoria. In Alain Sicard (Ed.) *Felisberto Hernández ante la crítica actual*. (pp. 309-335). Caracas: Monte Ávila.

Oswaldo C. Canosa
Sáenz 110 7° "B"
Lomas de Zamora (CP 1832)
Ciudad Autónoma de Buenos Aires,
República Argentina
osvaldocanosa@yahoo.com.ar

Tradução: Margarita Fragnito